

DIVALDO PEREIRA FRANCO

Estudos Espíritas

Pelo Espírito
JOANNA DE ÂNGELIS



Sumário

<i>Estudos Espíritas</i>	7
1. Deus	13
2. Universo	20
3. Espírito	27
4. Perispírito	32
5. Corpo somático	39
6. Viver	47
7. Morrer	54
8. Renascer	60
9. Progresso	70
10. Lei	75
11. Trabalho	81
12. Solidariedade	89
13. Tolerância	97

14. Fé	102
15. Esperança	106
16. Caridade	110
17. Felicidade	116
18. Mediunidade	125
19. Obsessão	131
20. Sexo	139
21. Amor	145
22. Moral	150
23. Educação	155
24. Família	161
25. Jesus	167

Estudos Espíritas

“Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: ‘Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.” — O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

ALLAN KARDEC (O evangelho segundo o espiritismo, cap. VI, item 5.)

No vórtice da vida tecnicista, o homem moderno delira.

Sonhando com os astros que deslizam em órbitas imensuráveis, enclausura-se nas limitadas conjunturas das paixões dissolventes; aspirando à liberdade em regime de plenitude, escraviza-se aos condicionamentos que o vergastam, incessantemente; lutando pela paz do mundo, promove guerras cruentas nas paisagens domésticas; esparzindo ideais, fixa-se

às idiosincrasias em que padece atribulações sem conto; heróico nos momentos de valor, recua nos embates insignificantes, que terminam por vencê-lo; detentor da razão, arrasta-se pelos meandros sórdidos do instinto em que se demora...

As conquistas externas de modo algum lograram acalmá-lo interiormente e a comodidade, na vertigem a que se entrega, não conseguiu felicitá-lo, conforme desejava.

Por tais motivos, legiões de desditosos, diariamente, sucumbem na astenia decorrente dos distúrbios da emoção desgovernada, e o ódio, a ira, a inquietação, a ansiedade, em consequência, matam mais do que o câncer e a tuberculose...

Outros tantos, idiotizados, enlanguescem nos leitos das casas de repouso, apáticos, vencidos, enquanto não menor número é internado à força nos manicômios. Além desses, multidões desesperadas atropelam-se nas avenidas formosas das hodiernas megalópoles, tanto quanto nas rotas humildes dos campos, sob as imperiosas constrições da loucura em matizes variados, que as surpreendem...

A seara dos homens, embora recamada de promessas e repleta de ilusões douradas, apenas tem ensejado uma sega de exacerbações em sarçal infeliz, cada vez mais ameaçador.

Antecipando estes tormentosos dias, Jesus prometeu o *Consolador* que, há mais de um século, triunfalmente, inaugurou a Era Espírita entre os homens, conclamando-os à renovação e à felicidade real.

Com Allan Kardec se confirmaram os prenúncios dos dias felizes a que se reporta a Boa Nova. A mensagem de que se fez vexilário restaura a pureza do Cristianismo, retirando os erros que nele foram introduzidos pela estultícia humana, como da ganga o garimpeiro hábil recolhe o diamante precioso.



Estudar o Espiritismo na sua limpidez cristalina e sabedoria incontestável é dever que não nos é lícito postergar, seja qual for a justificativa a que nos apoiemos.

Cada conceito necessariamente examinado reluz e clarifica o entendimento, facultando mais amplas percepções, acerca da vida e dos seus fenômenos.

Foram ditas já as palavras primeiras, favorecendo a multiplicidade de realizações edificantes, concitando o homem à grandeza e à paz.

Seus conceitos fulgentes são convites ao amor e chamamentos à sabedoria, cultura do sentimento e da razão num intercâmbio exitoso para a libertação do coração e da inteligência, por meio do qual o Espírito se alça a Deus.

Os estudos que ora reunimos em despretenso volume são o resultado de nossas meditações nos ensinamentos superiores de algumas das obras básicas da Codificação do Espiritismo. Para trazê-los à atenção dos aprendizes da Doutrina Espírita, atualizamos conceitos, compulsamos dados modernos, examinamos conquistas recentes, comparamos observações, tentando sintetizar os resultados que ora apresentamos em forma e estilo diversos dos a que se acostumaram os nossos leitores, num esforço carinhoso para colimar resultados felizes.

Não nos estranhem, portanto, os amigos e irmãos afeiçoados, tais características diferentes das habituais...

Reconhecemos que tais apontamentos nada trazem de novo, nem acrescentam à coroa de diamantes estelares lucilantes do pensamento kardequiano qualquer significativa contribuição.¹ Visamos com eles cooperar de algum modo na Seara

¹ Nota do autor espiritual: Algumas destas páginas foram publicadas oportunamente em *Reformador*, órgão da Federação Espírita Brasileira, aqui reaparecendo com os temas que lhes motivaram o estudo.

Espírita, no sentido de destacar, dentre os múltiplos assuntos já versados, alguns de intensa atualidade, discutidos em praça pública, debatidos nas escolas, cinema e televisão, temas obrigatórios das conversações dos jovens, adultos e anciãos, entre aqueles que, desesperadamente, buscam respostas para os imensos conflitos da razão e da emoção, em todas as partes da Terra de hoje, após a falência das religiões como da ética...



Contam que um jovem sedento de afirmação espiritual procurou certa vez o pensador e sacerdote hebreu Shammai e o interrogou:

— Poderias ensinar-me toda a *Bíblia* durante o tempo em que eu possa quedar-me de pé, num só pé?

— Impossível! — respondeu-lhe o filósofo religioso.

— Então de nada me serve a tua doutrina — redarguiu o moço.

Logo após buscou Hilel, o famoso doutor, propondo-lhe a mesma indagação. O mestre, acostumado à sistemática da lógica e da argumentação, mas também conhecedor das angústias humanas, respondeu:

— Toma a posição.

— Pronto! — retrucou o moço.

— Ama! — elucidou Hilel.

— Só isso?! E o resto, que existe na *Bíblia*? — inquiriu apressadamente.

— Basta o amor — concluiu o austero religioso. — Todo o restante da *Bíblia* é somente para explicar isso.



À semelhança daqueles dias, os atuais exigem respostas incisivas e concisas. Diz-se que não há tempo.

A Seara Espírita possui as sementes para todos os seminários e plantações da fé como do raciocínio, na multiplicidade de exigências em que se apresentam.

Adentrar a mente e o coração nas suas leiras ricas de luzes é o mister a que nos devemos afervorar com devotamento, enquanto a oportunidade é propícia.

Entregando estas páginas ao estudioso das questões espirituais, exoramos a proteção do Senhor da Seara para todos nós, Espíritos necessitados que reconhecemos ser, esperando com elas atender alguém sedento de esperança ou esfaimado de amor, ofertando-lhe a linfa refrigerante e o pábulo da vida, com ele seguindo pelo caminho de redenção na direção do Reino de Deus.

JOANNA DE ÂNGELIS

Salvador (BA), 5 de maio de 1973.

1

Deus

Conceito

Toda e qualquer tentativa para elucidar a magna questão da divindade redonda sempre inócua, senão infrutífera, traduzindo esse desejo a vã presunção humana, na incessante faina de tudo definir e entender.

Acostumado ao imediatismo da vida física e suas manifestações, o homem ambiciona tudo submeter ao capricho da sua lógica débil, para reduzir à sua ínfima capacidade intelectual a estrutura causal do Universo, bem assim as fontes originárias do Criador.

Desde tempos imemoriais, a interpretação da divindade tem recebido os mais preciosos investimentos intelectivos que se possam imaginar. Originariamente confundido com a sua obra, [Deus] mereceu ser temido pelos povos primitivos que legaram às culturas posteriores a sedimentação supersticiosa das crendices em que fundamentavam o seu tributo de adoração, transitando mais tarde para a humanização da divindade mesma, eivada pelos sentimentos e paixões transferidos da própria mesquinhez do homem.

À medida, porém, que os conceitos éticos e filosóficos evoluíram, a compreensão da sua natureza igualmente experimentou consideráveis alterações. Desde a manifestação feroz à dimensão transcendental, o conceito do Ser supremo recebeu de pensadores e escolas de pensamento as mais diversas proposições, justificando ou negando-lhe a realidade.

Insuficientes todos os arremedos filosóficos e culturais, quanto científicos, posteriormente, para uma perfeita elucidação do tema, concluiu-se pela legitimidade da sua existência, graças a quatro grupos de considerações, capazes de demonstrá-lo de forma irretorquível e definitiva, a saber: a) *cosmológicas*, que o explicam como a Causa Única da sua própria causalidade, portanto real, sendo necessariamente possuidor das condições essenciais para preexistir antes da Criação e sobre-existir ao sem-fim dos tempos e do Universo; b) *ontológicas*, que o apresentam perfeito em todos os seus atributos e na própria essência, explicando, por isso mesmo, a sua existência, que, não sendo real, não justificaria sequer a hipótese do conceito, deixando, então, de ser perfeito. Procederam tais argumentações desde Santo Anselmo, dos primeiros a formulá-las, enquanto as de ordem cosmológica foram aplicadas inicialmente por Aristóteles, que o considerava o “Primeiro motor, o motor não movido, o Ato puro”, consideração posteriormente reformulada por Santo Tomás de Aquino, que nela fundamentou a quase totalidade da teologia católica; c) *teleológicas*, mediante as quais o pensamento humano, penetrando na estrutura e ordem do Universo, não encontra outra resposta além daquela que procede da existência de um Criador. Ante a harmonia cósmica e a beleza, quanto à grandeza matemática e estrutural das galáxias e da vida, uma resultante única surge: tal efeito procede de uma Causa perfeita e harmônica, sábia e infinita; d) *morais*, defendidas por Immanuel Kant, inimigo acérrimo das demais, que, no entanto, eram apoiadas por Spinoza,

Bossuet, Descartes e outros gênios da fé e da razão. Deus está presente no homem, mediante a sua responsabilidade moral e a sua própria liberdade, que lhe conferem títulos positivos e negativos, conforme o uso que delas faça, do que decorrem as linhas mestras do dever e da autoridade. Essa presença na inteligência humana, intuitiva, persistente, universal, faz que todos os homens de responsabilidade moral sejam conscientemente responsáveis, atestando assim, inequivocamente, a realidade de um Legislador Absoluto, Suprema Razão da Vida.

Olhai o firmamento e vede a obra das suas mãos, proclama o salmista Davi, no canto dezenove, verso primeiro, conduzindo a mente humana à interpretação teleológica, cosmológica e cosmogônica, para entender Deus.

Examina a estrutura de uma molécula e o seu finalismo, especialmente diante do ADN, do ARN de recente investigação pela Ciência, que somente pouco a pouco penetra na essência constitutiva da forma, na vida animal, e a própria indagação responde silogisticamente de maneira a conduzir o inquiridor à causa essencial de tudo: Deus!

Outros grupos de estudiosos classificam os múltiplos argumentos em ordens diferentes: metafísicos, morais, históricos e físicos, abrangendo toda a gama do existente e do concebível.

Desenvolvimento

Diversas escolas filosóficas do século passado desejaram padronizar as determinações divinas e a própria divindade em linhas de fácil assimilação, na pretensão de limitarem o ilimitado. Outras correntes de pesquisadores aferrados a cruento materialismo, na condição de herdeiros diretos do *Atomismo* greco-romano, do pretérito, descendentes, a seu turno, de *Lord Bacon*, como dos sensualistas e céticos dos séculos XVIII e XIX,

zombando da fé ingênua e primitiva, escravizada nos dogmas ultramontanos dos religiosos do passado, tentaram aniquilar histórica e emocionalmente a existência de Deus, por incompatível com a razão, conforme apregoavam, mediante sistemas sofistas e conclusões científicas apressadas, como se a própria razão não fosse perfeitamente confluyente com o sentimento de fé, inato em todo homem, como o demonstram os multifários períodos da História.

Sócrates já nominava Deus como “A Razão Perfeita”, enquanto Platão o designava por “Ideia do Bem”.

O neoplatonismo, com Plotino, propôs o renascimento do *Panteísmo*, fazendo “Deus, o Uno Supremo”, que reviverá em Spinoza, não obstante algumas discussões na forma de *Monismo*, que supera na época o *Dualismo* cartesiano. O monismo recebia entusiástico apoio de Fichte, Hegel, Schelling e outros, enquanto larga faixa de pensadores e místicos religiosos empenhava-se na sobrevivência do *Dualismo*.

Mais de uma vez alardeou-se que “Deus havia morrido”, proclamando-se a desnecessidade da fé como da sua paternidade, para, imediatamente, reiteradas vezes, com a mesma precipitação, voltarem esses negadores a aceitar a sua realidade.

A personagem concebida por Nietzsche, que sai à rua difundindo haver “matado Deus”, chamando a atenção dos passantes, após o primeiro choque produzido nos círculos literários e intelectuais do mundo, no passado, estimulou outras mentes à negação sistemática. Fenômeno idêntico acontecera no século anterior, quando os convencionais franceses, supondo destruir Deus, expulsaram os religiosos de Paris e posteriormente de todo o país, entronizando a jovem Candeille, atormentada bailarina do Ópera, como a *Deusa Razão*, que deveria dirigir os destinos do pensamento intelectual de então, ante Robespierre e outros, em Notre-Dame. Logo,

porém, depois de múltiplas vicissitudes, o curto período da *Razão* fez que Deus retornasse à França, e muitos dos seus opositores a Ele se renderam, declarando haver voltado ao seu regaço, cabisbaixos, arrependidos, melancólicos. Deus venceu, mais uma vez, a prosápia utopista da ignorância humana!

Repetida a experiência no último quartel do “século das luzes”, tornou a ser exilado da Filosofia e da Ciência por uns e reconduzido galhardamente por outros expoentes culturais da Humanidade.

Novamente, ante o passo avançado da tecnologia moderna, pela multiplicidade das ciências atuais, pretende-se um Cristianismo sem Deus, uma Teologia não teísta, fundamentada em cogitações apressadas, que pretendem levar o homem à “busca das suas origens”, como desejando reconduzi-lo à fumaça, em vez de situá-lo na Natureza, mantê-lo selvagem por incapacidade de fazê-lo sublime.

Tal fenômeno reflete a apressada decadência histórica e moral das velhas instituições, na Terra de hoje, inaugurando uma Nova Era...

As construções sociais e econômicas em falência, as arquiteturas religiosas em soçobro, as aferições dos valores psicológicos e psicotécnicos negativamente surpreendentes, o descrédito inspirado pelos dominadores, em si mesmos dominados, pelos vencedores lamentavelmente vencidos pela inferioridade das paixões em que se consomem, precipitaram o agoniado espírito humano na “busca do nada”, das formas primeiras, rompendo com tudo, como se fora possível abandonar a herança divina inata indistintamente em todas as criaturas, para tentar esquecer, apagar e confundir a inteligência com os impulsos dos instintos, num contumaz e malsinado esforço de contraditório retorno às experiências primitivistas da forma, quando ainda nas fases longevas de formações e reformações biodinâmicas...

Concomitantemente, porém, surgem figurações morais, espirituais, místicas e científicas, sofrendo os embates que a dúvida e o ceticismo impõem, resistindo, todavia, estoicamente, na afirmação da existência de Deus, apoiadas pela Filosofia e Ética espíritas, que são as novas matrizes da Religião do Amor, pregada e vivida por nosso Senhor Jesus Cristo.

Conclusão

“Deus é Amor”, afirmava João.

“Meu Pai”, dizia reiteradamente Jesus, conceituando-o da forma mais vigorosa e perfeita que se possa imaginar.

E Allan Kardec, mergulhando as nobres inquirições filosóficas nas fontes sublimes da Espiritualidade Superior, recolheu por meio dos Imortais que *“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”*, em admirável síntese, das mais felizes, completando a argumentação com a asserção de que o homem deve estudar *“as próprias imperfeições a fim de libertar-se delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável”*, concordante com o ensino do Cristo, em João: *“Deus é Espírito, e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e verdade.”*



Estudo e meditação

Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

(O livro dos espíritos, Allan Kardec. Questão 4.)



A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles veem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

(A gênese, Allan Kardec. Cap. II, item 7.)